

A loucura do trabalho na *Folha de S. Paulo* na pós-modernidade

Denise Cristina Ayres GOMES¹

Resumo

O artigo enfoca a relação entre o estresse e a depressão e as transformações na esfera do trabalho no discurso do jornal *Folha de S. Paulo*. Os valores ligados ao empreendedorismo (EHRENBERG, 2000; 2010) criam um ambiente instável e competitivo e provoca o aumento das doenças mentais (DEJOURS, 2013). O jornal demonstra que a pós-modernidade (MAFFESOLI, 2006; 2010) é um ambiente paradoxal em que coexistem os valores remanescentes da modernidade e a emergência de novos paradigmas que flexibilizam os vínculos e responsabilizam o indivíduo pelos resultados.

Palavras-chave: Trabalho. Doenças mentais. Jornalismo.

Abstract

The article focuses on the relationship between stress and depression and changes in the work environment in the discourse of the newspaper *Folha de S. Paulo*. The values related to entrepreneurship (EHRENBERG, 2000; 2010) creates an unstable and competitive environment and causes the increase of mental disorders (DEJOURS, 2013). The paper demonstrates that postmodernity (MAFFESOLI, 2006; 2010) is a paradoxical environment where coexist the remaining values of modernity and the emergence of new paradigms flexibilize the bonds and the individual responsible for the results.

Keywords: Labor. Mental illness. Journalism.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social pela PUCRS. Professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: dayres42@gmail.com

Introdução

A doença mental causa sofrimento e desequilíbrio, alterando o humor e o comportamento do indivíduo. Mais do que um estado biológico e subjetivo, é um fenômeno que possui dimensão social e simbólica e normatiza condutas, institui práticas, desperta sentimentos, mobiliza pessoas, produz significados e implica valores.

O conceito de doença mental surge com a psiquiatria no século XIX atrelado à lógica burguesa. O advento do capitalismo provoca mudanças estruturais nas sociedades e engendra comportamentos que são categorizados como patológicos. As populações deixam o campo para viver em grandes aglomerados urbanos e se submetem a excessiva carga de trabalho nas fábricas. O modelo cria grande contingente de pessoas que não se adequam à lógica da produção industrial e acabam marginalizadas nos manicômios, sendo consideradas doentes mentais.

O taylorismo e o fordismo se desenvolvem no século XX como tecnologias para aumentar a produtividade no trabalho. Os sistemas separam a atividade manual e intelectual e isolam o operário que passa a se responsabilizar por tarefas específicas. Os movimentos repetitivos e cronometrados impostos pelas linhas de produção propiciam novas formas de sofrimento mental como o estresse. A doença foi conceituada em 1936 e se constitui na reação física, psicológica e emocional desencadeada por tensão.

A partir dos anos 70 do século XX ou pós-modernidade, evidenciam-se formas de sofrimento relacionadas não apenas às condições de trabalho, mas principalmente quanto à sua organização. A disciplina tayloriana e fordista, típica da sociedade disciplinar, é gradualmente substituída pela figura do empreendedor. Trata-se de valorizar a ação individual, responsabilizar cada pessoa pelos resultados e buscar a eficácia e superação constantes.

A depressão e o estresse são categorizados como transtornos mentais e comportamentais no capítulo V do Código Internacional de Doenças (CID 10), classificação adotada pela Organização Mundial de Saúde (OMS). A entidade considera a depressão o mal deste século e até 2020 será a patologia a causar mais prejuízos sociais e econômicos. O estresse, enquadrado no CID como transtorno de ansiedade,

atinge 20% dos paulistanos, tornando-se a doença mais prevalente na cidade². As exigências contemporâneas aumentam o número de pessoas afetadas por estresse e depressão relacionados ao trabalho que são as causas mais frequentes de incapacidade e afastamento da atividade produtiva.

O jornalismo é uma forma de conhecimento, que parte da realidade objetiva dos fatos para construir o relato, portanto, parte do dado social. Ao enunciar, o veículo confere existência às coisas, dá forma aos fatos que vão circular no meio social e produzir sentidos. Daí a relevância de buscarmos compreender como as transformações ocorridas a partir dos anos 70 do século XX ou pós modernidade, reificam o empreendedorismo e provocam o aumento das doenças mentais relacionadas ao trabalho.

Este artigo analisa o discurso sobre as doenças mentais, especificamente o estresse e a depressão, e a relação com o trabalho na reportagem intitulada “Afastamentos por doenças mentais disparam no país”, publicada no dia 25 de novembro de 2011 no caderno “Mercado” da versão digital do jornal *Folha de S. Paulo*. Em 2011 comemoraram-se os dez anos do início do terceiro milênio e aprovação da lei antimanicomial brasileira que instituiu a mudança na assistência à saúde mental.

Trabalho e doença mental na sociedade disciplinar moderna

A modernidade institui a relação entre identidade e trabalho, fazendo deste uma categoria ontológica central. O indivíduo revela a sua verdadeira natureza por meio da atividade produtiva que transforma o mundo e contribui para o bem-estar coletivo. O conceito de trabalho está intrinsecamente ligado à concepção moderna de indivíduo dominador, onipotente, senhor de si e da sua vontade. O sujeito do trabalho é virtuoso

² Dados da Pesquisa “São Paulo Megacity Mental Health Survey” realizada pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo em parceria com a Organização Mundial de Saúde (OMS), publicada em 2012. A pesquisa colheu e analisou dados sobre transtornos mentais e comportamentais e entrevistou 5.037 pessoas na Região Metropolitana de São Paulo. O estudo foi realizado no âmbito do Projeto Temático: “Estudos epidemiológicos dos transtornos psiquiátricos na região metropolitana de São Paulo: prevalências, fatores de risco e sobrecarga social e econômica” e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

na medida em que adia as gratificações, sacrifica o presente em prol do futuro promissor e se submete ao contrato, ao rigor das fábricas e à ditadura do relógio.

O *ego cogito* moderno, referenciado no indivíduo, separa o homem da natureza que se converte em objeto passível de ser conhecido e dominado. O racionalismo se impõe a partir do século XVIII e reduz o mundo a um todo quantificável e útil para os desígnios humanos. Desprezando o dado e o sensível, o sujeito se transforma em fundamento do real, instância primeira de verdade, dotado de razão e capacidade para explicar a natureza por meio de representações.

O projeto capitalista nasce a partir da lógica instrumental e produtiva que substitui o tempo da natureza pelo tempo do relógio. A atividade humana é quantificada em função da produtividade que exige precisão, rigor, repetição e vigilância. As disciplinas que permeiam as instituições conformam os corpos para que se possa extrair deles o máximo de força até a exaustão. O operário sintetiza essa relação ao se mostrar dócil, submisso e previsível.

O capitalismo desenvolve técnicas de disciplinamento dos corpos que atuam sobre os gestos e o comportamento do indivíduo, tornando-os passíveis de transformação e aperfeiçoamento. O poder disciplinar organiza a multiplicidade da população em um corpo produtivo com o objetivo de maximizar o efeito do trabalho (FOUCAULT, 2004).

As fábricas impõem o ritmo acelerado, dividem e especializam as tarefas para produzir em larga escala. No século XIX, as pessoas se submetem a jornadas de até 16 horas diárias, e crianças de três anos também são empregadas nas linhas de produção. Os ambientes insalubres, os salários baixos, o grande número de acidentes, a subnutrição e o esgotamento físico concorrem para as altas taxas de morbidade. A miséria social é concebida como fonte de doenças, crimes e imoralidade.

A sociedade ocidental passa por profundas mudanças como a industrialização, a urbanização, o avanço tecnológico e científico. A psiquiatria e a higiene integram o projeto saneador nas grandes cidades para tornar o corpo social produtivo e adaptado à lógica do sistema. O ritmo das fábricas exige rigor e padronização e não contempla idiosincrasias e disposições individuais típicas da era pré-industrial.

O surgimento do conceito de doença mental no século XIX decorre do desenvolvimento de tecnologias de dominação, controle e disciplinamento dos indivíduos. Foucault (2003) concebe a internação nos manicômios como uma técnica disciplinar que eliminou do convívio social toda a gama de comportamentos considerados improdutivos. O fundador da psiquiatria, Phillipe Pinel, procede à categorização dos comportamentos, tomando os deprimidos (denominados loucos melancólicos e caracterizados pela tristeza profunda, desespero, apatia e ideia de morte e culpa), e os ansiosos (designados como loucos maníacos e caracterizados pela inquietude, agitação motora e comportamento violento).

O desenvolvimento de sistemas de organização do trabalho no século XX aumenta o controle sobre o corpo. O taylorismo propõe a organização científica do trabalho de modo a evitar desperdício de tempo e maximizar a produção. Criado pelo engenheiro norte-americano Frederick Taylor, o método aprofunda a divisão técnica dos trabalhos e reprime a variedade de modos operatórios e a liberdade do operário. O fordismo coloca em prática o sistema por meio das linhas de montagem de carros em que cada operário é responsável por uma atividade.

As tarefas são isoladas e repetitivas, causam a padronização, o anonimato do operário e separam o trabalho manual e mental. A especialização do serviço provoca o desinteresse, a desmotivação, a despersonalização e a falta de sentido no trabalho que nada significa para o grupo social. O condicionamento físico e mental voltado apenas para a produção redundam na depressão e no abatimento dos indivíduos.

A vivência depressiva condensa de alguma maneira os sentimentos de indignidade, de inutilidade e de desqualificação, ampliando-os. Esta depressão é dominada pelo cansaço. Cansaço que se origina não só dos esforços musculares e psicossensoriais, mas que resulta sobretudo do estado dos trabalhadores taylorizados [...]” (DEJOURS, 2013, p. 49).

As mudanças observadas no século XX no âmbito do trabalho predisõem os indivíduos ao estresse e à depressão. Essas doenças tendem a aumentar cada vez mais a partir dos anos 70 e início deste milênio, ocasionando o afastamento da atividade profissional.

A saturação ontológica do trabalho na pós-modernidade

Sucedendo-se ao universalismo, o ambiente pós-moderno torna patente a crise ou saturação dos valores modernos. Maffesoli (2010) utiliza o termo saturação para evidenciar o processo de declínio da modernidade e a emergência de uma nova sensibilidade. A perda dos fundamentos modernos como o enfraquecimento das instituições, o fim das metanarrativas e a crescente instabilidade em todas as áreas, abalaram o conceito de identidade. A saturação ontológica pós-moderna decorre da fluidez, impermanência e contradição identitárias, do excesso de centralidade no indivíduo.

Enquanto as disciplinas marcam a modernidade e possibilitam a produção em massa, a pós-modernidade inicia sob a égide da responsabilização. O trabalhador passa a ser comprometido, parceiro da empresa e responsável pelos resultados. As rígidas hierarquias e funções abrem espaço para a adesão total à organização e estímulo à autonomia a fim de decidir e resolver problemas. O trabalho contemporâneo exige múltiplas habilidades como atuação em grupo, liderança, proatividade, domínio das tecnologias, desenvolvimento da inteligência emocional, motivação e disponibilidade para a empresa. As relações organizacionais requerem ainda a resiliência constante a fim de lidar com as mudanças bruscas e o ambiente instável dos negócios.

Ser pós-moderno em matéria de trabalho é saber equilibrar um apego e compromissos tênues com a facilidade de realizar o luto pela ruptura do vínculo com a empresa. O vínculo depende de uma “cola” tão incerta quanto desempenho, resultados e facilidade de relacionamento. (BENDASSOLLI, 2007, p. 3)

A carreira se tornou uma construção pessoal que independe dos vínculos com as organizações. A realização profissional implica o governo de si e o compromisso com os resultados da empresa. Por isso, o empreendedorismo se transforma em característica individual e confere tom meritocrático às conquistas. “O empreendedor foi erigido como modelo de vida heroica porque ele resume um estilo de vida que põe no comando

a tomada de riscos numa sociedade que faz da concorrência interindividual uma justa competição” (EHRENBERG, 2010, p.13).

A empresa “pós-disciplinar” (idem) precisa envolver os funcionários, torná-los participativos, valorizar suas emoções e aspirações para que as tarefas sejam dotadas de sentido. É necessário que haja conexão emocional com o trabalho, caso contrário, o colaborador tende a mudar de emprego ou adoecer, como atestam os inúmeros casos de afastamento do trabalho por doença mental.

A pós-modernidade obriga o indivíduo a se adaptar às circunstâncias. Resiliência, capacidade de liderança e espírito de equipe são características desejáveis para quem trabalha em uma organização. Daí a ideia de empresa como organismo vivo, integrado, onde os membros partilham valores e objetivos e estão comprometidos com os resultados.

A identidade fluída, que emerge na pós-modernidade, enquadra-se na concepção de *homo reticularis* de Gérard Ouimet (1996 apud WOOD JR; PAULA 2010, p. 119-200). Segundo o autor, as organizações exigem funcionários adaptáveis, hiperativos, ambiciosos e autônomos que desenvolvem traços neuróticos como preocupação em agradar aos outros, sentimento de inadequação e sintomas de depressão.

(...) Em um contexto de mudanças e incertezas, a exigência de competências e comportamentos, imposta aos profissionais, gera um ambiente de incerteza e ansiedade. Pressionados, eles buscam a qualquer custo manter-se funcionais e desejáveis diante do mercado de trabalho arredo e implacável.

A ambivalência pós-moderna provoca inquietações no trabalhador, que precisa se tornar empreendedor e se desdobrar para dar conta das exigências. O ambiente instável provoca o aumento da labilidade emocional, com o predomínio das chamadas doenças mentais ou transtornos psíquicos relacionados ao estresse e à depressão. O transtorno se refere a um conjunto de sintomas que remetem à anormalidade, sofrimento ou comprometimento de ordem psicológica e/ou mental. O estresse e a depressão constam no Código Internacional de Doenças (CID), adotado no Brasil, e são considerados transtornos de ansiedade e de depressão, respectivamente.

O século XXI se caracteriza pelo aumento de perturbações mentais resultantes das transformações decorrentes da modernidade. Até os anos 70 do século XX, as doenças eram explicadas por meio da psicanálise que sustentou o discurso psiquiátrico. A partir de então, ocorre a mudança de paradigma em que as psicopatologias se desvinculam do conflito psíquico e passam a se basear em sintomas evidenciados no corpo, na ação e na intensidade (BIRMAN, 2012).

A intensidade e o excesso são características da pós-modernidade que valoriza a ação, a eficiência e a superação constantes. O ambiente de grande competitividade e pressão provoca, paradoxalmente, a explosão das doenças mentais relacionadas ao trabalho gerando incapacidade e improdutividade.

A loucura do trabalho na *Folha de S. Paulo* na pós-modernidade

O jornalismo se desenvolveu atrelado ao projeto moderno fundamentado na busca da verdade, crença na infalibilidade da razão e no mundo convertido em objeto passível de ser explicado e compreendido. O discurso jornalístico se impõe na pós-modernidade como o próprio real. A função referencial inerente à atividade objetifica o mundo e apaga as marcas dessa “lacuna epistemológica” que é se constituir como narrativa.

O princípio de transparência confere credibilidade ao relato jornalístico e sobrepõe-se à função representativa e simbólica. A narrativa ao mesmo tempo que parte do real, institui a própria realidade disseminando práticas, valores e discursos que circulam na sociedade.

As práticas discursivas delimitam a perspectiva de recorte do objeto e fixam normas para que se elaborem os conceitos. As regras determinam escolhas e exclusões postas em funcionamento por meio de uma rede de instituições e saberes (FOUCAULT, 1997). O jornal *Folha de S. Paulo* reproduz práticas e valores disseminados como os modelos de gestão contemporâneos, o culto ao empreendedorismo e a legitimação da competitividade. O campo jornalístico mobiliza a sociedade em torno de valores comuns com o objetivo de buscar o convencimento e criar o efeito de realidade.

A reportagem intitulada “Afastamentos por doenças mentais disparam no país”, publicada no caderno “Mercado” na versão digital da *Folha de S. Paulo* do dia 25 de novembro de 2011, destaca que a depressão e o estresse decorrentes do trabalho são responsáveis pelo aumento do número de concessões de auxílio-doença pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS).

O texto cita que as novas tecnologias impactam as relações de trabalho e aumentam o nível de responsabilização do funcionário. Estar conectado, disponível, dar respostas rápidas, ter domínio das tecnologias e conhecimento das novidades do mercado são habilidades obrigatórias para se manter na empresa. O trabalhador é cada vez mais pressionado a produzir resultados e dar provas de seu engajamento. Esses fatores elevaram o número de afastamentos no trabalho por doenças mentais.

O estresse e a depressão são as patologias mais frequentes entre os funcionários e estão relacionadas ao desenvolvimento tecnológico, como afirma a matéria: “[...] o surgimento de tecnologias mais avançadas de comunicação são algumas das causas da expansão recente.” Outro trecho constata: “[...] com o uso muito grande de ferramentas tecnológicas, o trabalho passou a exigir um envolvimento mental muito grande”. E ainda a matéria ressalta que os trabalhadores mais velhos são os mais afetados por pressões psicológicas. “[...] Se não tiverem capacidade de lidar com as novas tecnologias, sofrerão a concorrência dos mais jovens [...]”.

Diferentemente da modernidade, o trabalho contemporâneo atinge mais o nível psicológico do que submete o corpo, a exemplo das disciplinas modernas. “[...] Uma outra relação entre o indivíduo e a empresa é aqui promovida e consiste menos em adestrar que em estimular a implicação” (EHRENBERG, 2010, p.79). Dominar as novas tecnologias se torna condição básica para o exercício profissional e não mais diferencial de mercado.

A disponibilidade das informações, a pluralidade de fontes e versões, as possibilidades de escolha e interação facilitam o acesso ao conhecimento. As novas tecnologias aceleram o processo de produção, circulação e consumo da notícia. A matéria evidencia que um dos fatores para o aumento do número de afastamentos do trabalho foi a maior conscientização dos funcionários acerca das patologias. “Especialistas ressaltam que os trabalhadores têm acesso atualmente a mais informações

sobre os transtornos mentais e suas causas.” O jornalismo cumpre importante papel social na divulgação do tema, a exemplo de inúmeras matérias e programas que têm sido veiculados na mídia.

A pós-modernidade é um ambiente paradoxal e transitório, em que coexistem a herança moderna racionalista e contratual e o predomínio das emoções, das relações horizontais, típicas da contemporaneidade (MAFFESOLI, 2006). Os trabalhadores têm que se submeter ao ritmo imposto pelas fábricas, ao imperativo cronológico e às pressões dos chefes. De outro modo, ocorre a flexibilização das relações de trabalho como a terceirização, o estímulo à criatividade e à autonomia e a competência medida em resultados.

As empresas passam a valorizar o lado emocional do funcionário para motivá-lo a produzir. O salário não é o motivo principal que retém os trabalhadores com ganhos mais altos. Fatores como reconhecimento e bom clima organizacional são elementos fundamentais para a eficácia profissional. O aumento de 19,6% no número de afastamentos do trabalho por doenças mentais, no primeiro semestre de 2011, evidencia o valor das emoções. Se a modernidade explorava o trabalhador à exaustão e até à morte, a contemporaneidade reconhece que a saúde precisa do amparo legal. “Há ondas de doenças de trabalho. A onda atual é a da saúde mental”, revela a matéria. Outro trecho: “Mudanças adotadas pelo Ministério da Previdência Social em 2007 facilitaram o diagnóstico de doenças causadas pelo ambiente de trabalho [...]”. E ainda: “[...] o governo estuda a adoção de medidas para intensificar a fiscalização das condições de trabalho”.

Trabalho e identidade saturadas na *Folha de S. Paulo* na pós-modernidade

A crise ou saturação ontológica do trabalho se relaciona à perda dos fundamentos, ao fim das certezas metafísicas que concebem o ser através de identidades fixas. Às relações contratuais, tributárias da modernidade, sucedem pactos efêmeros e circunstanciais em que as emoções têm papel preponderante. As empresas valorizam a criatividade, a capacidade de liderança e o trabalho em equipe, a resiliência, a habilidade em resolver problemas, gerir o tempo e aumentar a produtividade. O

trabalhador deve “vestir a camisa” da organização, estar disponível e se responsabilizar pelos resultados, enfim, ser um empreendedor.

Em consequência dessas mudanças, os vínculos institucionais se precarizam, aumentando o nível de competitividade e a exigência por metas. Torna-se cada vez mais distante a promessa de carreira na empresa, o futuro garantido ou a carteira assinada. O trabalhador é caracterizado por sua capacidade empreendedora e tem que lidar com a ameaça constante da perda do emprego, a pressão para aumentar a produtividade e a terceirização. A responsabilidade pela manutenção do trabalho é mais um dever consigo próprio e dependerá da performance de cada trabalhador.

De acordo com Ehrenberg (2000), a depressão é a patologia da insuficiência. O trabalhador tem a sensação de estar sempre em falta e de que é preciso melhorar e desenvolve o sentimento de impotência diante do possível fracasso. A meritocracia premia apenas os indivíduos vencedores e desvaloriza os comportamentos que não se adequam aos objetivos da organização.

A reportagem afirma: “A globalização criou um ambiente de competição dentro e fora das empresas” ou “Em tempos de ‘salve-se quem puder’, as pessoas são pressionadas a produzir mais, vender mais, a melhorar a qualidade dos produtos. Quem não entra nessa espiral fica para trás”. Os trechos revelam que o ambiente competitivo e instável da pós-modernidade propicia um clima de grande instabilidade e insegurança em que o trabalhador é instado o tempo todo a buscar a superação de seus próprios limites.

Ainda de acordo com tal teoria, o trabalho depende agora de forças cujo comportamento está fora de nosso próprio controle: oscilações do mercado, saúde financeira e competitividade global e local das empresas, crescimento econômico de determinados setores, humor de grandes investidores ou acionistas e a dinâmica dos fluxos de capitais globais. (BENDASSOLLI, 2007, p.4)

A crise ou saturação ontológica do trabalho e da identidade propicia o aumento de doenças decorrentes da atividade produtiva. Ao lado da concepção instrumental e racionalista, expressa pelo compromisso com a eficiência, paradoxalmente se revelam as patologias causadas pela atividade profissional. A matéria afirma: “O mercado de trabalho tornou-se foco de doenças como depressão e estresse”. Outro trecho revela:

“Depressão e estresse são os transtornos mentais causados pelo trabalho que mais causam afastamentos pelo INSS, segundo o Ministério da Previdência Social”. E ainda: “Hoje, as empresas querem pessoas preparadas. Quem souber mais sai na frente. Dependendo da condição familiar, quem for preterido é sério candidato a ficar deprimido”.

De outro modo, o grande número de afastamentos por doenças mentais decorrentes do trabalho, conforme mostra a reportagem, revela que as pessoas estão preocupadas em reestabelecer a saúde e não estão dispostas a sacrificar o aspecto emocional em benefício da atividade produtiva. O texto explica que se tornou mais fácil provar o nexos causal entre trabalho e doença. O próprio governo implementou mudanças para facilitar o diagnóstico das patologias provocadas pelo ambiente organizacional. Há um esforço para regulamentar e assegurar os direitos do trabalhador, o que indica a relevância da saúde mental ou o equilíbrio emocional. “Antes, era difícil para o trabalhador provar como adquiriu a doença. Agora, é a empresa que tem que produzir provas alegando que o trabalho não causou o dano ao funcionário”, explica a matéria.

A reportagem demonstra os paradoxos da pós-modernidade em que coexistem a herança moderna instrumental e a preponderância das emoções. A esfera do trabalho revela a lógica contraditorial em que as empresas pressionam por resultados, e os funcionários estressados ou deprimidos se afastam da atividade produtiva em busca de equilíbrio emocional.

O discurso da *Folha de S. Paulo* reifica os valores pós-modernos que preconizam a responsabilização e a autonomia do indivíduo, a meritocracia, a competição, a superação constante e o empreendedorismo. O veículo é uma empresa capitalista ligada a uma rede de instituições que partilham os mesmos pressupostos. O discurso jornalístico institui práticas, desperta sentimentos e mobiliza os indivíduos em torno de valores comuns. A FSP é parte deste ambiente paradoxal e instável da pós-modernidade que propicia o aumento do número de pessoas afetadas por estresse e depressão.

Considerações finais

As relações de trabalho constituídas em um mundo instável, competitivo e de grandes transformações têm provocado o aumento da incidência de doenças mentais como o estresse e a depressão decorrentes da atividade profissional. A pós-modernidade é um ambiente transitório em que ocorre a saturação dos valores modernos centrados nas instituições tradicionais e emergem novas relações em que as emoções, a criatividade e o compartilhamento engendram formas de ser. A identidade se tornou fluída, movediça e se molda às circunstâncias.

A pós-modernidade encerra paradoxos que podem ser observados no discurso jornalístico da *Folha de S. Paulo*. O mercado aponta para a crescente desinstitucionalização das relações de trabalho com a flexibilização dos vínculos entre trabalhador e empresa e novos estilos de gerenciamento que promovem a criatividade, a iniciativa e evidenciam a esfera emocional. Por outro lado, sob essa forma de liberdade, o trabalhador se torna empreendedor, responsabilizando-se pelos resultados.

A aceleração do fluxo de informações, a necessidade de compartilhar e o trabalho em equipe modificaram as relações de trabalho. De outra forma, as pessoas são instadas a dar respostas rápidas e dominar as tecnologias para se manter no mercado. O resultado é um ambiente de compartilhamento em que as pessoas precisam estar integradas e conviver com a competição e a instabilidade que provocam maior labilidade emocional.

A pós-modernidade promove a conexão entre pessoas e a circulação de informações que instigam o aumento da produção. Paradoxalmente, os trabalhadores adoecem e há o aumento dos pedidos de afastamento da atividade produtiva, seja pela facilidade de comprovação de que o trabalho causou a doença, seja porque estão informados acerca de seus direitos.

A contemporaneidade implica contradições que podem ser observadas no discurso da *Folha de S. Paulo*. O jornalismo compartilha informações, valores e experiências que se disseminam no corpo social, reforçam e promovem novas práticas. Ao veicular matérias sobre doenças mentais e o trabalho, as pessoas reconhecem o

sofrimento, procuram tratamento e resguardam seus direitos. Se “o mercado de trabalho se tornou foco de doenças como depressão e estresse”, conforme afirma o lide da reportagem, o aumento do número de afastamento da atividade produtiva denota que há preocupação maior com a busca do equilíbrio emocional.

O jornal é um dispositivo na construção de valores que permeiam a sociedade. O discurso da *FSP*, como parte do ambiente paradoxal e instável da pós-modernidade, promove os valores do capitalismo na figura do empreendedor. Sob a égide da objetividade, o veículo se reporta aos fatos e apaga as marcas da enunciação. A responsabilização, o empreendedorismo e a superação constante são ideais disseminados na coletividade e atuam como “pano de fundo” para o aumento do estresse e da depressão.

Referências

BENDASSOLLI, Pedro Fernando. **Trabalho e identidade em tempos sombrios**. São Paulo: Letras & Ideias, 2007.

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5.ed., 15 reimpr. São Paulo: Cortez- Oboré, 2013.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2010.

_____. **La fatigue d’être soi**: dépression et société. Paris: Odile Jacob, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento prisão. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **História da loucura**. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

Instituto de psiquiatria da universidade de São Paulo; organização mundial de saúde (OMS). **São Paulo Megacity Mental Health Survey**. São Paulo, 2012. Disponível em <
<http://www.plosone.org/article/fetchObject.action?uri=info%3Adoi%2F10.1371%2Fjournal.pone.0031879&representation=PDF>>. Acesso em 21 ago.2014.

MAFFESOLI, Michel. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2010.

_____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed.; Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

WOOD JR., Thomaz; PAULA, Ana Paula Paes de. O culto da performance e o indivíduo S.A. In: EHRENBERG, Alain. In: **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2010.

FRAGA, Érica; BORLINA FILHO, Venceslau. Afastamentos por doenças mentais disparam no país. **Folha de S. Paulo**, São Paulo. p. 6-7, 25 de novembro de 2011.